

O LUGAR DAS MULHERES NA NARRAÇÃO DOS RODEIOS DO RIO GRANDE DO SUL

Uma conquista natural dos tempos atuais?

THE PLACE OF WOMEN IN THE NARRATION OF THE RODEOS IN RIO GRANDE DO SUL

A natural achievement of current times?

Prof. Dr. Rodrigo Koch¹

Prof. Dr. Leandro Forell²

Viviane Kremer dos Santos Klein³

RESUMO

O presente artigo discorre uma reflexão aprofundada sobre a inserção da mulher integrante do Movimento Tradicionalista Gaúcho no cenário de narração dos rodeios crioulos. O local de narração, denominado cabine, até o ano 2018 era habitado somente por homens, como poderá ser observado no andamento do texto. Cultuar as nossas tradições não é um ato de contemplação saudosista, é principalmente a preocupação em trazer para o presente os valores e princípios que herdamos. O artigo também visa instigar a percepção de que, se esta ação é consequência da evolução natural do meio tradicionalista, pois os rodeios crioulos são uma prática artística e cultural dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Desta forma, este evento cultural engloba diversas atividades artísticas e campeiras, uma delas em específico é denominada como Tiro de Laço, este é praticado dentro do âmbito familiar e comunitário. Pode ser observado também, como a mulher narradora atua com o

¹ KOCH, Rodrigo, Pós-Doutor (Sociologia i Antropologia Social) pelo Institut Universitari de Creativitat i Innovacions Educatives de la Universitat de València, Doutor em Educação (Culturas Juvenis) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestre em Educação (Estudos Culturais) pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), pós-graduado em Administração e Marketing Esportivo pela Universidade Gama Filho (UGF), e graduado em Educação Física pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) [CREF 012626-G/RS]. Pesquisador Associado do Centro Latino Americano de Estudos em Cultura - CLAEC. Atualmente é professor adjunto D da Uergs - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, lotado na unidade Hortênsias-São Francisco de Paula.

² FOREL, Leandro, Graduado em Educação Física pela Universidade Feevale. Especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Feevale. Mestre e Doutor em Ciências do Movimento Humano pela ESEFID da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - Unidade Litoral Norte.

³ KLEIN, Viviane Kremer dos Santos, Radialista DRT nº 006658/05-01, Narradora Esportiva ACEG, Registro número 587, Juíza Campeira Movimento Tradicionalista Gaúcho, registro nº 0040000466214, Narradora do Movimento Tradicionalista Gaúcho, registro nº 00400004670132, Tecnóloga em Marketing, UNINTER, 2017. Pós graduação em Artes, em curso, UFPEL, 2022. Pós Graduação em Educação em Artes, em curso, 2022

estereótipo de gênero propagado pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho e sua presença como narradora na modalidade do Tiro de Laço. Através das referências bibliográficas, este artigo busca se sustentar e embasar sua estrutura sobre o aporte dos autores que fundamentam o tradicionalismo e regionalismo gaúcho, as escritas sobre gênero, a evolução da mulher e evolução identitária, bem como, a evolução e construção social junto com as definições baseadas em conceitos de referência de dicionário e amparo mundial como a Organização das Nações Unidas.

Palavras-chave: narradoras, tiro de laço, gênero, mulher, rodeio

ABSTRACT

This article discusses an in-depth reflection on the insertion of the woman who is part of the Traditionalist Gaucho Movement in the scenario of narration of Creole rodeos. The narration place, called cabin, until 2018 was inhabited only by men, as can be seen in the course of the text. Worshipping our traditions is not an act of nostalgic contemplation, it is mainly a concern to bring to the present the values and principles that we have inherited. The article also aims to instigate the perception that, if this action is a consequence of the natural evolution of the traditionalist environment, then, Creole rodeos are an artistic and cultural practice within the Traditionalist Gaucho Movement. In this way, this cultural event encompasses several artistic and rural activities, one of them in particular is called Tiro de Laço, this is practiced within the family and community. It can also be observed how the woman narrator acts with the gender stereotype propagated by the gaucho traditionalist movement and her presence as a narrator in the Tiro de Laço modality. Through the bibliographical references, this article seeks to sustain and base its structure on the contribution of the authors who base the gaucho traditionalism and regionalism, the writings about gender, the evolution of women and identity evolution, as well as, the evolution and social construction together with definitions based on dictionary reference concepts and worldwide support such as the UN.

Keywords: narrators, noose, gender, woman, rodeo

Submetido e aprovado em 18/08/2022.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo instiga a reflexão sobre a mulher que chega às cabines de narração dos rodeios no Rio Grande do Sul nas atividades campeiras de uma das entidades que tem o homem como referência de liderança. É crescente a participação feminina nas atividades campeiras nas entidades do Movimento Tradicionalista Gaúcho dadas as imúmeras inscrições nas provas campeiras. A tradicional narração dos rodeios até pouco tempo atrás era de prática apenas masculina e agora passa a ter mulheres em seu meio.

A partir da minha experiência pessoal como narradora de tiro de laço, trabalhei com o seguinte problema de pesquisa: Seria este espaço uma conquista natural dos tempos atuais? O trabalho se propôs a enxergar o universo de criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho e dos Rodeios através da prática do Tiro de Laço e perceber as mudanças que trouxeram a mulher para desenvolver novas atribuições dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul. Como objetivos específicos busquei nas entrevistas semiestruturadas o olhar de como as mulheres narradoras percebem a sua chegada neste meio e como ela se vê em atividades até então executadas apenas por homens.

Segundo informações do Movimento Tradicionalista Gaúcho, em 2021 haviam cadastrados, 192 narradores dentro do Movimento que conta com 1,7 mil entidades filiadas no Rio Grande do Sul e apenas uma mulher como narradora oficial, sendo ela a Laíne Araújo, que efetivou seu credenciamento recentemente em 2018. Para quem tenha interesse em narrar dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho, há um processo de seleção ao qual deve se inscrever e obter, logicamente, aprovação.

Eu estava para fazer a prova do departamento de narradores em 2019, quando a prova foi cancelada devido a pandemia causada pela COVID-19. Somente em 2022 o Movimento Tradicionalista Gaúcho retomou com a aplicação das provas de credenciamento aonde então, em agosto deste ano, fui aprovada e credenciada ao departamento de Narradores. Trinta e nove aspirantes a narradores fizeram a prova, sendo que apenas nove conseguiram aprovação e eu era a única mulher do grupo.

Para responder aos objetivos propostos, o presente trabalho foi estruturado, a partir dessa parte introdutória, em seções aonde aborda o que é a prática de Tiro de Laço e o Movimento Tradicionalista Gaúcho; A Mulher, o Movimento Tradicionalista Gaúcho e o Tiro de Laço; o tema Gênero; a voz das narradoras com o processo de entrevistas semiestruturadas e o contexto de cultura e tradição para localizar a mulher dentro desse universo.

2 A TRADIÇÃO QUE VIROU ESPORTE E O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO

A partir do Projeto de Lei 1º 271/2013 do Deputado Giovani Feltes, ficou instituído o Tiro de Laço como esporte símbolo do Estado do Rio Grande do Sul. Segundo o projeto o Tiro de Laço é uma manifestação cultural em forma de esporte, que simula a prática de laçar o gado, e onde o laçador compete a cavalo, vestindo indumentária típica gaúcha que é composta de no mínimo bombacha, camisa com gola e botões, lenço, guaiaca, chapéu e botas.

Alfredo José dos Santos teve a idéia de criar a competição "Tiro de Laço",

na década 50 (séc. XX) que teve o primeiro treino de laço em 14 de novembro de 1951 e o primeiro rodeio que aconteceria em 4 de fevereiro de 1952, na fazenda de Jorge Tigre em Esmeralda, RS. (COSTA, 2012, P. 13 e33).

A lida do tiro de laço constitui em laçar o boi para apartar ele da tropa no campo e tratá-lo de acordo com a necessidade: seja de doença, parto, esquila, medicação ou outras. “Segundo o dicionário de Regionalismos do Rio Grande do sul, o Tiro-de-laço é o ato de arremessar o laço contra o animal de que se pretende laçar”. (NUNES; NUNES, 1984, P.492) Complementando o Dicionário de Regionalismos, os canhotos também laçam.

Homem destro no manejo do laço, que laça com perícia, que quase não erra o tiro de laço.// Campeiro que durante os serviços de campo é encarregado de lançar as reses.// Pessoa que laça que gosta de laçar bem ou mal. (NUNES; NUNES, 1984, P.492)

Nascia então a figura do laçador que é de fundamental importância para a execução da atividade, e também para a construção identitária da figura do gaúcho no Rio Grande do Sul.

[...] “Os jovens - todos homens - passaram a se reunir nas tardes de sábado num galpão improvisado, na casa do pai de um deles. Tomavam mate e imitavam os hábitos do interior, entre eles o da charla que os peões costumam manter nos galpões das estâncias. “Queriam... recriar o que imaginavam ser os costumes do campo e o ambiente das estâncias” (Oliveira, 1991, P. 43-44). (APUD. MENASCHE, 1993 P.2) [...] Lembrando a associação entre passado e presente como uma constante em projetos modernizadores ligados à criação de estados nacionais, na Europa e nas Américas, (OLIVEIRA, 1991, P. 41-42) destaca como característica do processo de constituição do gauchismo “essa dialética entre velho e novo, passado e presente, tradição e modernidade...” (MENASCHE, 1993 P.2)

Segundo o inventor da prova de tiro de laço no Rio Grande do Sul, que acabou se tornando tradição gaúcha pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho e modalidade esportiva reconhecida como esporte símbolo por lei do estado do Rio Grande do Sul,

A prova surgiu por conta de que o pessoal da cidade queria que Alfredo José dos Santos participasse de um time de Futebol, mas pelo fato de ele não ser afeito a tal tipo de esporte, declinava da honraria mas que ajudava financeiramente. Disse que participaria com grande satisfação se fosse para desenvolver aquilo que ele mais gostava, ou seja, laçar uma novilha de encomenda na porteira de uma mangueira vindo do fundo e com corrida formada. (COSTA, 2012, P. 31)

A atividade descrita na citação que agradaria a Alfredo José veio a se tornar então o começo da atividade de rodeio no Rio Grande do Sul. O que iniciou na década de 50 se expandiu grandemente. Em 2019, em apenas um final de semana o RS teve 63 rodeios acontecendo simultaneamente e segundo um levantamento da Secretaria da Agricultura do estado, o RS teve em dois anos, 6.526 festas do tipo⁴;

⁴ Disponível em:

<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/blog/reporter-farroupilha/post/2019/03/08/estado-tem-63-rod-eios-no-fim-de-semana.ghtml> Acesso em 20 jun. 22

Observando esse envolvimento, foi necessária uma articulação para preparar a atividade. Os rodeios demandam uma série de serviços e pessoal específico e qualificado para sua prática. As tropas de bois se constituíram para atender os rodeios, o pessoal para a organização dos animais na saída do gado e na recepção do gado no final da cancha surgiram, e são conhecidos os breiteiros. A cancha teve seu tamanho definido em 100 metros de comprimento e com regras estipuladas a serem obedecidas durante a passagem do laçador. O suporte para cavalos e para a rês acontecem através do atendimento de veterinários que se envolvem nos cuidados do bem-estar animal.

Ao andamento e entrosamento do esporte os narradores surgiram e consolidaram a prática onde narram ao público e situam os laçadores tudo que vai acontecendo desde a abertura dos portões do local do evento. Aos narradores cabe dar a ordem das laçadas, narrar a situação dos laçadores durante sua passagem pela cancha, informar o que está acontecendo nos arredores e avisos da Patronagem e outra figura importante no rodeio são os Juízes Campeiros, que além da validação da armada, dizendo se é positiva ou negativa, avaliam ainda a indumentária, os ornamentos utilizados para encilhar o cavalo e apetrechos do gaúcho e também o comportamento do peão com os animais e colegas de prática.

Entende-se por Armada, a Laçada corrediça que se faz com o laço quando se pretende atirá-lo para prender a rês e, por rês entende-se animal vacum (NUNES; NUNES, 1984, P. 39 e 429).

O cenário dos rodeios hoje aqui no Rio Grande do sul se divide da seguinte forma:

Os rodeios crioulos no Rio Grande do Sul até 2013 ficavam sob a tutela do Movimento Tradicionalista Gaúcho (Movimento Tradicionalista Gaúcho), o qual era responsável pela organização de todos eventos do tipo realizados por alguma entidade filiada ao Movimento Tradicionalista Gaúcho, como, por exemplo, Centros de Tradições Gaúchas (CTG's). Mais tarde, em 11 de junho de 2013, foi fundada a Federação Gaúcha de Laço (FGL – ou simplesmente Federação). Uma das diferenças entre as duas organizações é que, enquanto a primeira se caracteriza pela defesa da conservação de costumes e tradições quanto aos rodeios crioulos, a segunda flexibiliza algumas das normas vigentes e defendidas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho. Apesar disso, tanto o Movimento Tradicionalista Gaúcho quanto a FGL começaram a buscar a elevação do tiro de laço a patrimônio imaterial, porém, com justificativas distintas: o primeiro enfatizando se tratar de um elemento cultural e, o segundo, de uma prática esportiva. (KLAFKE; SILVEIRA, 2020, P.846)

O Rodeio Crioulo surgido no Rio Grande do Sul na década de 1950 nos Campos de Cima da Serra, a partir dos Torneios de Tiro de Laço Competitivos, que foram adquirindo cada vez mais participantes e deram origem ao 1º Rodeio Crioulo de Vacaria, precursor dos atuais rodeios que se espalharam por todo Estado. Nos rodeios são executadas diversas provas típicas que avaliam a habilidade do homem e o desempenho do animal. O Ministério Público do Rio Grande do Sul publicou a

Segunda Edição da Cartilha para a realização de Rodeios Crioulos com ênfase nas disposições gerais da defesa sanitária animal em 2012. Essas provas vinham a partir da lida rural que era prática exclusiva de homens desde o princípio de sua execução. termo de confidencialidade registra na biblioteca nacional idea e projeto

não são protegidos,

Portanto, a figura masculina estava relativamente associada em determinados momentos à rusticidade, uma característica ligada ao homem da campanha, e também à bravura; já a figura da prenda estaria relacionada a uma imagem de recato e pureza e outros fatores que pudessem remeter a relação com o campo. Essas características padronizavam e moldavam o modo de ser gaúcho e de ser prenda, tanto na cidade quanto no interior. O Movimento Tradicionalista Gaúcho, também acabou por manifestar um retrato no qual as características do gênero feminino eram apresentadas como mais recatado, delicado e submisso, algo que seria o inverso das características ligadas à figura do homem. Essas características serviriam como uma forma de diferenciação entre homens e mulheres, servindo para traçar espaços designados a ambos. (PIRES, 2020, P. 28)

Entendendo pelo citado que às mulheres cabiam atividades diferentes das dos homens é possível compreender que leva algum tempo para que as mulheres comecem a serem inseridas nessas práticas masculinas.

O sentimento nativista que hoje representa o movimento do tradicionalismo gaúcho começou com 1898, com o Grêmio Gaúcho em Porto Alegre. Naquela época, “..um grupo de homens liderados pelo Major do Exército Nacional João Cezimbra Jacques, resolveu criar no dia 22 de maio de 1898, o Grêmio Gaúcho. Entidade inteiramente voltada às coisas da tradição sul-rio-grandense”. (SAVARIS, 2017, P. 121).

Com o Grêmio outras entidades chegaram juntas na primeira fase do Tradicionalismo. Entre as entidades, estão a União Gaúcha de Pelotas, o Centro Gaúcho de Bagé, o Grêmio Gaúcho de Santa Maria, a Sociedade Gaúcha Lomba-Grandense e o Clube Farroupilha de Ijuí.

O Grupo dos oito, no dia 05 de setembro de 1947, “recebeu os restos mortais de Davi Canabarro herói da revolução Farroupilha trasladados de Santana do livramento para Porto Alegre.(SAVARIS, 2017, P. 123). Depois de fazerem a Guarda de Honra, o Grupo dos Oito, como ficaram conhecidos, liderados por Paixão Cortes, mantiveram, a partir do dia 05 de setembro “...treze dias de atividades com apresentações de trovas, causos, declamações, rodas de mate e no dia 20 de setembro, no salão Teresópolis Tênis Clube, finalizando as atividades com um Baile.(SILVA; CIRNE, 201, P. 45 e 46.)

Paixão Côrtes, Cyro Dutra Ferreira, Ciro Dias da Costa, Cilço Campos, Orlando Jorge Dregrazzia, Fernando Machado Vieira, João Machado Vieira e Antônio João de Sá Siqueira, foram os homens que integraram o grupo dos oito que e que estiveram a frente, também da fundação do 35 CTG, que foi fundado um ano depois que realizaram os feitos de 1947, e que até hoje se comemora como Festejo Farroupilha.

A primeira reunião ocorreu no dia 3 de abril de 1948, na cidade de Porto alegre, no Galpão da Associação Riograndense de Imprensa, ficando conhecida como a primeira Chala da Gauchada Moça do Rio Grande, sendo conduzida por Hélio Moro Mariante e Barbosa Lessa. Após, no dia 24 de Abril de 1948, na rua Duque de Caxias, 707 aconteceu a Seção de fundação do “35” Centro de Tradições Gaúchas tendo como Patrão

Provisório Glauco Saraiva, Patrão de Honra João Carlos D'ávila Paixão Côrtes e o primeiro Patrão eleito Antônio Cândido da Silva Neto, o lema "Em qualquer chão, sempre Gaúcho" de autoria de Flávio Ramos e o símbolo do 35 CTG de autoria de Cyro Dutra Ferreira e o nome 35 de tradições gaúchas de autoria de Barbosa Lessa em homenagem ao início da revolução de 35 sendo escolhido após um concurso. (SILVA; CIRNE, 2017, P. 46)

A partir do 35 CTG, foi que o fortalecimento cultural em torno do gaúcho ganhou respeito e espaço e ficou conhecido como Movimento.

São características do movimento a direção, a velocidade, o sentido e a aceleração. Transferindo-se essa mecânica para o caso em tela - movimento tradicionalista -, chega-se facilmente a conclusão que só após a fundação do 35 CTG em Porto Alegre é que o tradicionalismo gaúcho começou a conquistar tal sentido, enquadrando-se, perfeitamente na totalidade das características fundamentais da significação do verbete "movimento" (SAVARIS, 2017, p.123)

A entidade do 35 CTG foi o que abriu as portas para o movimento ganhar força. A partir dessa entidade, quatro CTG's abriram na sequência e outras trinta e quatro entidades abriram culminando uma expansão tradicionalista entre 1948 e 1954.

Momento fundamental para dar sustentação às entidades tradicionalistas que brotavam às dezenas, de forma espontânea e surpreendente – inclusive fora das fronteiras do rio grande do Sul – foi a realização do 1º Congresso Tradicionalista Gaúcho, em Julho de 1954, na cidade de Santa Maria. O grande mérito desse e dos demais congressos foi a definição dos rumos claros, de uma ideologia bem definida, de padrões homogêneos de procedimento e da possibilidade de efetiva participação de todos no movimento que se anunciava, desde logo, como uma força social impressionante. (SAVARIS, 2017, P. 125)

Segundo Savaris (2017), no Décimo Segundo Congresso em 28 de outubro de 1966, a Instituição se tornou conhecida como Movimento Tradicionalista Gaúcho - Movimento Tradicionalista Gaúcho passou que tem como objetivo de congregar as entidades tradicionalistas até então existentes. As entidades chamadas de Centros de Tradições Gaúchas, romperam com as nomeclaturas tradicionais e instituíram em cada departamento o vínculo com as coisas tradicionais do Rio Grande do Sul. (SAVARIS, 2017 P. 125).

Patrão, capataz, sota capataz, agregado das pilchas e posteiro, substituíram os títulos de presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e diretor. Os conselheiros deliberativos ou consultivos, comuns a todas as sociedades foram chamados de Conselho de Vaqueanos. Os departamentos foram transformados em invernadas e todas as promoções culturais, cívicas ou desportivas, encontravam batismo na similitude dos usos e costumes das estâncias gaúchas, tais como rondas, rodeios, tropeadas, etc. A par dessa organização, iniciou o 35 uma intensa atividade, que teve o condão de despertar, novamente, a consciência tradicionalista sul-rio-grandense. (SAVARIS, 2017, P.124).

Segundo o Movimento Tradicionalista Gaúcho, em 2021 o Movimento Tradicionalista Gaúcho possuía 970 entidades credenciadas no Rio Grande do Sul aptas a participarem ativamente das decisões coletivas do movimento e o número de 192 narradores cadastrados e aonde até 2021 apenas uma mulher estava

credenciada como narradora. Fato que mudou neste ano de 2022, aonde na prova de seleção para novos narradores, realizada em agosto, eu fui aprovada e me credenciei ao movimento.

O Movimento visa as provas de tiro de laço como patrimônio cultural e entende que seu trabalho e proteger o legado deixado pelos antecessores gaúchos.

Quando se analisa o patrimônio cultural sob a interpretação da legislação brasileira, é preciso destacar que, de acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no artigo 216, são considerados bens que constituem o patrimônio cultural brasileiro os de natureza material e imaterial, que incluem: formas de expressão; modos de criar, fazer e viver; criações científicas, artísticas e tecnológicas; obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados a manifestações artístico-culturais; conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico ((SARAIVA et al, 2014 apud SALDANHA; VARGAS; LANA, 2019, P. 31 E 32).

Em 01 de agosto de 2013 é fundada a Federação Gaúcha de Laço que é uma Associação Privada de Porto Alegre. O Objetivo da Federação é diferente do objetivo do movimento. A Federação se dedica olhar do tiro de laço como esporte e tem em seu regulamento entre outras finalidades a de facilitar , ajudar, e promover a realização de eventos campeiros, esportivos, cavalgadas, permitindo a que as entidades participantes regre-as sem distinção de sexo ou partidos políticos ou religião conforme indica o regulamento da Federação.

Entre as diferenças do Movimento Tradicionalista Gaúcho e da Federação Gaúcha de Laço está a representação do tiro de laço. Para o primeiro, ele é uma manifestação cultural. Para o segundo, um esporte. (<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2014/04/cultura-ou-esporte-tiro-de-laco-e-alvo-de-polemica-envolvendo-Movimento-Tradicionista-Gaúcho-e-federacao-gaucha-de-laco-4468678.html>)

Varias divergências se sucederam entre o Movimento Tradicionalista Gaúcho e a Federação depois de sua criação. Em 2014, o Movimento proibiu entidades filiadas de participarem de eventos promovidos por entidades não filiadas ao movimento, no caso de participarem de eventos da Federação. A proibição estende-se também à promoção e cedência de dependências.

Narradores e juízes credenciados ao Movimento Tradicionalista Gaúcho foram alertados de estarem sujeitos às normas do regimento. Em 2021, em uma nova votação promovida por uma nova diretoria do Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul foi aprovado a alteração no Inciso IX do Artigo 49 do Regimento Interno do Departamento de Narradores, que previa exclusividade de atuação de seus membros para eventos de entidades filiadas ao Movimento Tradicionalista Gaúcho. Na prática, isso permitia que os profissionais pudessem trabalhar em rodeios de entidades não filiadas, como a Federação Gaúcha de Laço.

Mas em 13 de abril deste ano, a antiga chapa do movimento que reassumiu o Movimento retorna com a proibição da participação dos narradores e juízes em ações promovidas por entidades não filiadas. A proibição aconteceu em resolução de número 02/2022, pelo Conselho Diretor do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

- a. Nenhum evento, campeiro, artístico, de esportes campeiros e etc, será reconhecido e poderá ter autorização de participação de entidades filiadas, narradores e juizes campeiros credenciados quando forem promovidos por pessoas físicas, por entidades não filiadas (exceto associações de raças definidas de animais) ou em combinação entre elas;
- b. Somente reconhecer eventos promovidos pelas associações de raças definidas de animais, incluído seus respectivos núcleos, quando forem, efetivamente, as promotoras e responsáveis pelos eventos;
- c. Não reconhecer quaisquer eventos promovidos por entidades filiadas em que fique patente a presença de pessoas físicas ou entidades não filiadas que tenham o objetivo de obtenção de lucro ou dividendos que não sejam aqueles de fortalecer a entidade tradicionalista no cumprimento de suas finalidades. (Movimento Tradicionalista Gaúcho, RESOLUÇÃO 02/22, 2022 P. 02).

Essas alterações de regras de participação impostas por um grupo específico de diretores do Movimento Tradicionalista Gaúcho já gerou disputas judiciais com sanções aos que impetraram a ação. Cenário que ainda não tem desfecho até o presente momento.

3 AS MULHERES, O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO E O TIRO DE LAÇO NO RIO GRANDE DO SUL

O Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul dedica mais de dez páginas para abordar a palavra tema gaúcho, onde aborda conceitos, história e qualidades do gaúcho. Na página 215 percebe-se o caminhar de separação do gaúcho tema para o gaúcho homem e da prenda dentro do referencial abordado o tema gaúcho.

[...]o gaúcho é um ótimo cavalheiro: identificado aparentemente como o cavalo, nasce, vive e morre com ele; nunca o gaúcho recusou montar qualquer cavalo, e nunca se importou com seus vícios e suas qualidades.... e o Gaúcho, além de situar-se como habitante do Rio Grande do Sul. Habitante do interior do Rio Grande, dedicado à vida pastoril e perfeito conhecedor das lides campeiras.Existem centenas de hipóteses a respeito da palavra gaúcho, que apesar dos esforços dos pesquisadores, continua envolta de um grande mistério. (NUNES; NUNES, 1984)

E, constituindo o universo gaúcho aplica-se o entendimento da palavra prenda, segundo o Dicionário de Regionalismos do RS, uma Jóia, relíquia presente de valor. Em sentido figurado, moça gaúcha. (NUNES; NUNES, 1984, P. 395).

A mulher desde o início do movimento gaúcho aparece em lugares com ações muito tímidas e contidas. Seja participando dos grupos de dança ou nas atividades domésticas de cozinha, limpeza e costura. Nas demais atividades campeiras ou administrativas é como se a mulher não existisse. A sociedade ainda carregava com ela que o papel principal da mulher no social era apenas o papel biológico, o da maternidade e o do ciclo familiar.⁵ A prática da maternidade parecia ser vista como

⁵ PERROT, Michelle (org.). História da vida privada. Vol.4. Tradução Denise Bottman e Bernardo

uma característica universal feminina, um instinto biológico e até mesmo um dom feminino.⁶

O lugar onde nascemos, crescemos e construímos uma vida, nos forma e nos molda como referenciais de comportamento. O Rio Grande do Sul, RS, foi formado por um misto de nações que deixaram suas raízes em costumes que foram base para o Movimento Tradicionalista Gaúcho no movimento de construção e afirmação da identidade local.

Os principais imigrantes em número foram os portugueses em grande parte açorianos, seguido dos alemães e italianos que vieram a somar-se aos ameríndios e escravos africanos. Em menor número encontramos imigrantes espanhóis, poloneses, russos, judeus, árabes, japoneses, argentinos, uruguaios, entre outros. (SAVARIS, 2017, P. 29)

A partir das misturas dos povos, seus os cultos particulares e dos acontecimentos ao longo da habitação do RS, foi-se moldando e construindo a identidade do estado. Hall, nos mostra esse conceito claramente.

A identidade então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) osujeito a estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (HALL, 2004, P. 12)

O percorrer da mulher gaúcha dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho aconteceu entre a cozinha, as danças, patronagem, conselho e presidência do Movimento, inclusive as mudanças evolutivas na sociedade permitiram que a mulher avançasse novas posições, se inserindo no laço e agora na narração dos rodeios e demais atividades campeiras.

Foi a partir da saída do homem para as guerras que as mulheres começam a ter um espaço mais efetivo dentro da sociedade. Além de serem donas de casa, passam a ter a necessidade de cuidar das estâncias e ficarem à frente dos negócios que antes eram comandados por homens. De certa forma, o mesmo ocorreu dentro dos CTGs, quando se necessitou da presença das mulheres para que elas pudessem acompanhar os homens, primeiramente como sendo os seus pares nas invernações e, após, com a urgência para se realizar as tarefas que emergem das mudanças ao longo dos anos. (PIRES, 2020, P. 27)

Durante a prática do Tiro de laço o esporte é narrado por interlocutores que trazem o que acontece no momento desde o instante em que o laçador entra na cancha até sair dela e têm a função de preparar os próximos laçadores para adentrarem no espaço. Para participar dos Rodeios, os laçadores treinam, participam de torneios, almejam e vencem competições, buscando consolidar seu nome seja diante do CTG, Piquete ou pela Federação Gaúcha de Laço por todo o Estado do Rio

Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, P.139.

⁶ BARBOSA, C. A. da S. (2019). As Mulheres da Elite Farroupilha: Papéis de Gênero e Família (RS, 1835-1845). Revista Cantareira, (24). Recuperado de <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27847>

Grande do Sul e também fora daqui. Como vimos anteriormente o número de mulheres narradoras é pífio quanto ao número de narradores.

Ao longo da Revolução Farroupilha⁷ a mulher fez e cumpriu bem o seu papel de sustentar⁸ o estado enquanto o gaúcho estava na guerra. Além de que muitas mulheres desempenharam grandes papéis na Guerra dos Farrapos. Nísia Floresta Brasileira Augusta, Manuela Amália Ferreira, Caetana Joana Fransisca Garcia Y Gonzales e Anita Garibaldi são alguns dos nomes, segundo Silva e Cirne(2017) que tiveram suas ações pontuadas na história do Rio Grande do Sul.

O governo do RS, em 1949 solicitou ao “35” CTG que organizasse uma recepção a Senhorita Marina Cunha Miss Distrito Federal que estaria acompanhada visitando o estado da cantora Clea Barros. Nesta oportunidade, Paixão Cortês convidou duas moças, irmãs e colegas de colégio do Julinho, sendo elas Marília e Ludimila Zarrans. As duas, irmãs, são consideradas as primeiras mulheres do Movimento Tradicionalista Gaúcho organizado.

[...]após esse fato ocorrido a gauchada observou o quanto era importante a presença das mulheres da entidade não somente para as danças como viram no Uruguai mas em atividades culturais sociais e etc. Em junho de 49 aconteceu a primeira reunião do grupo de prendas do 35 CTG (SILVA; CIRNE, 2017, P. 47 e 48)

Dentro do Movimento Tradicionalista, a mulher gaúcha vem assumindo cargos de comando e se inserindo em posições por muito tempo masculinas num ritmo lento. Ter um lugar de fala ou buscar reconhecimento pelos feitos de uma mulher, está entre as tarefas das mulheres que já conseguiram postos de destaques no Movimento Tradicionalista Gaúcho, agora é a vez de “pôr em pauta a representatividade no culto às tradições” (ZERO HORA, 19 e 21 de Junho de 2021).

Se antes elas ficavam restritas aos bastidores de CTGs, encontros populares e festivais nativistas, hoje as mulheres conquistaram cargos estratégicos e ganharam poder de decisão no fomento das tradições. (ZERO HORA, 19 e 21 de Junho).

Em 2020, pela primeira vez dentro do Movimento uma mulher assumiu o cargo de Presidente. Gilda Galeazzi, de 65 anos, que assumiu junto de seus auxiliares e conselheiros em uma disputa com outra mulher, Elenir Winck. Liliana Cardoso Duarte, foi a primeira mulher negra nomeada patrona dos Festejos Farroupilhas do RS. Ela é a quarta representante feminina a receber a homenagem desde 2005, quando o título passou a ser concedido às mulheres. As outras Nilza Lessa, Elma Sant’Ana e Alessandra Motta foram as ativistas que também receberam esta honraria.

No período colonial, a mulher brasileira esteve em segundo plano, metida entre mucamas e molecas, casando entre os doze e os quatorze anos, não

⁷ Guerra Dos farrapos. Com duração de 10 anos, parte da população do Rio Grande do Sul ousou enfrentar o Império implantado no Brasil depois de o País se tornar independente de Portugal. Os revolucionários viveram uma saga épica, entre 1834 e 1845. SILVA e CIRNE, Márcia Cristina Borges e Paulo Roberto de Fraga A evolução Histórica da Mulher Gaúcha. 2017. pag . 24.

⁸ SILVA e CIRNE, Márcia Cristina Borges e Paulo Roberto de Fraga A evolução Histórica da Mulher Gaúcha. 2017. pag . 23

raro analfabeta, portanto incapaz de trazer qualquer encanto à sociedade [...] Ao contrário, a mulher gaúcha não precisou fugir dos ambientes de trabalho e – desde que respeitasse o galpão como cenáculo masculino – pode participar mais amiúde do convívio com os homens (LESSA; CÔRTEZ, 1975, P.69).

Aqui, sob o olhar de Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, no livro “Danças e Andanças”, fica claro qual o papel que os fundadores do movimento consideravam adequado para a mulher no Movimento Tradicionalista Gaúcho.

[...]este segundo caminho percebe o mundo cultural com ênfase no próprio indivíduo, em sua agência, e define a cultura pela capacidade dos indivíduos tecerem vínculos e significados que iriam além do engessamento do mundo coletivo. Evidencia-se na discussão teórica sobre cultura a tensão entre estrutura e conjuntura.” (Revista de Ciências Sociais - LEAL, 2012, P. 43)

Essa história começa a ser modificada também nos microfones das cabines de narração dos Rodeios Crioulos nos últimos cinco anos, com o credenciamento no Movimento Tradicionalista Gaúcho da primeira mulher narradora de rodeio, Laíne Becker da Silva e agora comigo e com outra mulher, a aspirante a narradora Ana Paula.

Em 2018 deixei pública a minha intenção em ser narradora de rodeios e os convites para narrar começaram a chegar. Até então eu não sabia da existência de outras mulheres narradoras no Movimento Tradicionalista Gaúcho. Entendo que para podermos assumir uma função e desempenhá-la com notoriedade precisamos de conhecimento e preparo. Nessa busca por qualificação me tornei Juíza das provas Campeira do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Ao longo das minhas participações nos rodeios e através da divulgação dos vídeos nas redes sociais fiquei conhecendo outras mulheres com a mesma intenção: de se tornarem narradoras e até uma mulher narradora que havia sido a primeira a se credenciar no movimento em 2019.

A mulher carrega a estigma de ser o sexo frágil há anos. Na construção da nossa história poucas são as mulheres que estiveram à frente de batalhas ou em cargos de poder. No caso deste último, nas duas últimas décadas, começaram muitas mudanças. A partir da virada do milênio observamos a intensificação de movimentos de mulheres buscando reconhecimento e participação igualitária na sociedade. Por outro lado, nunca vem à tona, a observação sobre o perfil biológico da mulher e como isso afeta a rotina diária dela.

Durante séculos, perdurou a imagem da mulher em condições equivalentes à de escrava, numa época em que ser livre significava, basicamente, ser homem. As funções primordiais femininas eram a reprodução, a amamentação e a criação dos filhos. Analisando o período medieval, tem-se o tratamento para com as mulheres não se fez de outro modo, pois elas eram governadas pelo simples fato de serem mulheres. (<https://direitofamiliar.com.br/uma-analise-da-historia-da-mulher-na-sociedade/>)

Se olharmos para o período da pré-história até dias atuais e ligeiramente vemos como era a rotina nos relacionamentos podemos entender melhor o que vem acontecendo. Da pré-história até antes da era industrial, os homens e as mulheres

tinham uma rotina similar: em ambos os homens durante o dia saíam de casa e as mulheres ficavam em casa. Nesse relacionamento o homem era o provedor das necessidades daqueles que dependiam dele.

A família no Brasil regido pelo Código Civil de 1916 tinha feições herdadas da sociedade romana. No Direito Romano, um dos principais atributos da entidade familiar era a autoridade do chefe de família, o qual possuía a função de mantenedor da casa em todos os sentidos, fazendo com que os outros membros ficassem subordinados a ele. O pai detinha o poder de decisão dentro da família e não podia ser contestado pelos demais membros da entidade familiar, tampouco pelo Estado. Assim, os dependentes praticamente não tinham seus desejos próprios atendidos. (<https://direitofamiliar.com.br/uma-analise-da-historia-da-mulher-na-sociedade/>)

Hoje em dia, homem e mulher saem de casa durante o dia para desempenharem atividades diversas que contribuem com os encargos familiares.

O que levou e implica, quais seriam as produtividades socioculturais dessa mudança? Isso muda quem somos?

Às mulheres, dado a dádiva da maternidade, ocuparam-se por gerações com o envolver-se com a criação dos filhos. Limitando o seu raio de atividade às redondezas do seu lar: caverna, oca, casa, apartamento. Mas quando guerra chegou uma mudança ocorreu e trouxe outras reflexões:

A partir do século XX, quando a mulher se viu obrigada a trabalhar para sustentar suas famílias enquanto seus companheiros lutavam na guerra, elas se dedicaram e desde então mostram suas competências e habilidades no mercado de trabalho, identificamos que até os dias de hoje elas enfrentam maiores dificuldades, pois são mães, esposas e mantenedoras do lar e nem por isso deixam a desejar em suas atribuições, continuam lutando pelos mesmos salários e benefícios. Nota-se a competência da mulher, pois ela tem saído para buscar um aperfeiçoamento e por esse motivo tem se destacado no mercado. Temos exemplos de mulheres presidindo organizações, coordenando grandes operações e até mesmo governando países. (LUZ; DOMINGUES; QUERINO, 2013, P. 02)

Aqui enxerga-se o como a biologia moldou o padrão de comportamento na sociedade, de que as tarefas mais sofridas e arriscadas ficassem com o sexo que dispunha de maior vigor físico, portanto o homem e, ficando a cargo da mulher, por gerir a vida e os cuidados que exigem uma gestação junto da importância de perpetuar a espécie, os cuidados com os filhos, a casa e ambiente que a cerca. Não podemos ser omissos em não perceber a limitação de tempo das mulheres para desenvolver outras habilidades que não às que estivessem próximas das suas rotinas

Apesar das mudanças do mundo, ainda destinam às mulheres as atividades, tais como os cuidados com a casa e com a família, enquanto aos homens cabe o papel de provedor de sua família. Estas diferenciações por gênero ditado pelo mercado de trabalho, determinando assim que homens e mulheres ocupem lugares desiguais e hierarquicamente determinados e favorecem a ocorrência de discriminadores em relação às mulheres. O lugar ocupado pelo sexo masculino e feminino nos setores de atividade e na hierarquia das ocupações tem a característica do gênero.

(LUZ; DOMINGUES; QUERINO, 2013, P. 06)

Mesmo sem pensar, essa simbiose nunca deixou de ser uma divisão de tarefas. Pois todos os afazeres da casa precisam ser feitos e trazer o sustento também é necessário. Por muito tempo as atividades de trabalho foram mais braçais do que intelectuais.

Somente nos anos de 1930 e 1940 é que, efetiva e formalmente, algumas das reivindicações das mulheres passaram a ser atendidas. Elas começaram a ser reconhecidas como cidadãs, podiam ingressar nas escolas, trabalhar, e ainda adquiriram o direito de votar e serem votadas. ...No ano de 1979, na Assembleia Geral da ONU, foi aprovada a convenção que versava sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres. (<https://direitofamiliar.com.br/a-busca-dos-direitos-das-mulheres-no-mundo/>)

Diante dessa situação, entendo que esse cenário começa a ser desbravado por nós mulheres e chegarmos a entidades e posições que antes nem era imaginado: como no esporte, por exemplo.

Uma matéria publicada no site do Ministério do Trabalho e Emprego em 07 de março de 2013, revela que a participação da mulher no mercado de trabalho no Brasil vem crescendo significativamente nos últimos anos. (A Evolução da mulher No Mercado de Trabalho, <http://e-faceq.blogspot.com.br/>)

Olhar para o ambiente, entendendo o passo a passo da naturalidade evolucionar que nos envolve, faz com que usemos o passado como construção para um futuro diferente. Muitos movimentos feministas surgiram e quiseram mostrar ao mundo seu jeito de pensar e suas ações em prol da integralização feminina.

Ações isoladas ou coletivas, dirigidas contra a opressão das mulheres, podem ser observadas em muitos e diversos momentos da História e, mais recentemente, algumas publicações, filmes etc. vêm se preocupando em reconhecer essas ações. No entanto, quando se pretende referir ao feminismo como um movimento social organizado, esse é usualmente remetido, no Ocidente, ao século XIX. [...] É, portanto, nesse contexto de efervescência social e política, de contestação e de transformação, que o movimento feminista contemporâneo ressurgiu, expressando-se não apenas através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas também através de livros, jornais e revistas. Algumas obras hoje clássicas — como, por exemplo, *Le deuxième sexe*, de Simone de Beauvoir (1949), *The feminine mystique*, de Betty Friedan (1963), *Sexual politics*, de Kate Millett (1969) — marcaram esse novo momento. Militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam, impregnando e "contaminando" o seu fazer intelectual — como estudiosas, docentes, pesquisadoras — com a paixão política. Surgem os estudos da mulher. (LOURO, 2003, P.14)

São vastos os autores que abordam este tema e que trazem seus pontos de vista. A mulher no tradicionalismo gaúcho, a mulher campeira, também sofre o impacto desses acontecimentos na sociedade, mas principalmente esbarra no berço da tradição familiar como veremos a seguir.

Na linha do tempo abaixo estão alinhados em destaque as referências

relevantes para a trajetória da mulher na chegada às narrações dos rodeios.

1947	1951	2013	2018	2020	2022
Criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho	Criação do Tiro de Laço	Criação da Federação Gaúcha de Laço	51 anos para a primeira narradora se credenciar no Movimento Tradicionalista Gaúcho	73 anos para uma mulher ser eleita como a primeira Presidente do Movimento Tradicionalista Gaúcho	Credenciamento da segunda mulher ao Movimento Tradicionalista Gaúcho. Existem seis mulheres que narram no Rio Grande do Sul.

4 AS REFERÊNCIAS E O PONTO DE VISTA CRUCIAL: DAS NARRADORAS DE RODEIO DO RIO GRANDE DO SUL

As fontes utilizadas nesta pesquisa foram regulamentos do Movimento Tradicionalista Gaúcho e da Federação Gaúcha de Laço, livros que abordam a cultura gaúcha, a evolução da mulher na sociedade, dicionário de comportamentos, artigos, teses, matérias jornalísticas e entrevistas semiestruturadas.

Sobre pesquisadores que escreveram especificamente sobre o tema narradoras de Rodeio nada foi encontrado até o presente momento, sendo esse o primeiro trabalho que faz referências às narradoras de rodeio. Sobre a participação das mulheres no tiro de Laço, há um trabalho escrito por Amanda J. Pires que uso como bibliografia de parâmetro. Sobre o Tiro de Laço há mais de três autores que trazem o tema como enfoque e alguns estão na bibliografia deste trabalho. Sobre a Cultura e o Tradicionalismo Gaúcho há diversos pontos de vistas e discussões de vastos autores e alguns foram escolhidos para embasar esse artigo e se encontram também na bibliografia.

No cenário atual da narração de rodeios feminina, encontrei seis nomes de destaque: Laíne Araujo, primeira mulher credenciada ao Movimento Tradicionalista Gaúcho; eu, Viviane Kremer S. Klein, segunda mulher credenciada ao Movimento; Ana Paula Grams Pereira, como aspirante a narradora e as demais mulheres com interesse em narrar e com participação não oficial na prática da narração de rodeios, sendo elas: Stela Kaiuri da Silva, Dienfier Belmont e Grasieli Erthal. Para as entrevistas semiestruturadas participaram três narradoras, sendo uma entrevistada vinculada ao Movimento Tradicionalista Gaúcho, que não a autora deste artigo e duas sem vínculo definido.

As entrevistas foram realizadas com Laíne Becker da Silva, Stela Kaiuri da Silva e Ana Paula Grams Pereira. As entrevistadas responderam um questionário via formulário Google Forms. As entrevistas foram posteriormente salvas e transcritas em uma planilha conforme anexo 1.

Todas as entrevistadas tiveram seu começo de envolvimento no laço através de seus familiares. Assim, de alguma forma estamos cerceados pelo que nos dá identidade e a tradição é um dos caminhos que nos leva a entender quem somos e nos dá o lugar de representatividade no mundo. Tudo que nos rodeia e que nos coloca em contato com o mundo através do que nos ensinam é tradição e se dá no que é passado e geração em geração através do que as pessoas constroem com sendo.

As tradições configuram-se nas reações que ocorrem a situações novas. Fazem “referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória” (HOBBSAWM, 1997, P. 9). A “tradição é proveniente de uma troca entre o passado interpretado e o presente interpretante” ((RICOUER 1985, P. 400, APUD BRUM, 2010, P. 89). APUD SALDANHA; VARGAS; LANA, 2019, P.37).

Esse amor pela cultura e pela prática das tradições gaúchas praticadas e difundidas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, foi passado de pai pra filha, de mãe pra filha ou de avó pra neta e netos, como podemos ver na questão 1 do questionário em anexo, a entrevistada Stella declara:

Que começou aos 4 anos de idade acompanhando meu avô nós Rodeios, a entrevistada B nos apresenta que: Minha história no tradicionalismo começou através da minha mãe quando tinha 6 anos de idade quando ela me colocou em um curso de dança e no laço através do meu pai quando tinha 10 anos; e a entrevistada C menciona que foi: através de meu pai que já estava na lida desde seu 15 anos de idade, eu comecei com apenas 10 anos, sem nunca ter laçado vaca parada, aprendi direto no lombo do cavalo, laçei e treinei o tiro de laço por 2 anos, e aí comecei me dedicar pela narração, atual paixão.

Os desafios de serem mulheres narrando ficam atrelados ao fato de ser novidade, de ser algo diferente e que não fazia parte da cultura, do dia a dia da prática do Tiro de Laço conforme apresenta na questão 2 a entrevistada Laíne:

O processo até não foi tão difícil, desafio é ser o novo, não ter padrões femininos a seguir e ter q romper certas barreiras pois o núcleo predominante é masculino.

Assim como as mulheres laçadoras, que ingressaram no laço na última década e estão ainda lutando por mais espaço na categoria.

Segundo Goellner (2005), apesar da inserção da mulher em meados do século XIX, é somente nas primeiras décadas do século XX que a participação feminina se ampliou e elas começaram a ocupar o campo do esporte, seja nas dimensões do lazer, da educação escolar ou da competição. Hoje, quando se mapeia o território esportivo, verifica-se que a mulher está presente na prática de quase todas as modalidades esportivas; e, simultaneamente, assistimos a uma transformação visível das representações sociais face à sua infiltração nessa prática.(VALDUGA; FILHO, 2010, P. 4 a 10)

Ao observar as respostas do questionário, foi unânime a questão do ponto de vista comum de que se deve ao fato de ser algo novo e desconhecido. Assunto da questão 4 onde as entrevistadas se manifestam:

Na verdade não discriminação mas talvez receio pelo desconhecido, por ser

diferente haja alguma resistência de patrões na contratação, diz Laíne.

Já para entrevistada Ana Paula:

O desafio foi entrar no meio dos narradores que por si, são na maioria homens, então eu como mulher deveria me adequar a eles, na aprendizagem também tiveram por conta de alguns narradores não me aceitarem, junto a eles.

A narração feminina no Tiro de laço por ser recente contempla a falta de cooperação por parte dos colegas narradores e da plateia mostrando um outro desafio o de ser aceito na profissão. Mais um obstáculo a ser enfrentado pelas narradoras como se vê através da questão 4 e 5 na resposta da entrevistada Stella:

Já percebi que alguns homens do ramo vieram perguntar sobre o meu interesse em credenciar e vi neles uma certa vontade em me desanimar. [...] Sim. Algumas mulheres já me agrediram fortemente pelo fato de estar na arena falando profissionalmente de seus maridos. Costumo ignorar até o ponto que ela possa me atingir fisicamente.

Perceber que a falta de uma entidade que dê suporte, apoio e contrate as narradoras, assumindo que está contratando uma profissional completa e com capacidade de executar a mesma tarefa que o homem faz nessa função talvez esteja entre a situação que mais ampare a classe feminina. Talvez estejamos num momento de transição, também visto em muitos segmentos em que a colocação feminina está sendo feita para cumprir o politicamente e socialmente correto na corrida pela igualdade de gênero, conforme observa-se através do depoimento da entrevistada Ana Paula na questão 5:

Sim, a aceitação de ser mulher e estar narrando é algo que choca muito os homens nessa lida, alguns não me deram espaço para expor meu trabalho.

Há episódios vivenciados por mim, onde vi e fui a narradora contratada apenas para a narração do rodeio das prendas, das mulheres laçadoras, também contratada ainda para os cerimoniais de abertura e entrega de troféus e homenagens e honrarias, sendo que poderia atuar em pé de igualdade com os homens que foram fazer a narração.

O preconceito está ligado à subjetividade de que a mulher não foi feita para tal trabalho como já citado anteriormente no aporte social e que não por gênero mas por qualificação a mulher deveria ser respeitada pela escolha do seu lugar como podemos ver na fala da entrevistada Ana Paula na questão 4:

Sim, acho que eles deveriam de manter mais respeito com nós, pq é uma profissão que deveria de ser igualada a todos, homens e mulheres.

Na carta de princípios, documento o qual o Movimento Tradicionalista Gaúcho norteia quais são os deveres do tradicionalista está citado no artigo XXI o dever de “Estimular e amparar as células que fazem parte de seu organismo social”, por isso é tão fundamental discutir e trazer ao diálogo esse momento de chegada e inserção das mulheres na narração do Tiro de Laço. Pois é preciso amparo também às

mulheres que vivem no meio tradicionalista.

5 IDENTIDADE, IGUALDADE E GÊNERO

Estarmos conectados com aquilo que experienciamos e isso cria nossa identidade, nossa representação do eu no cotidiano. Nos construímos e nos moldamos a partir do que está à nossa volta. A percepção do que eu posso fazer vem daquilo que a situação que eu vivo me coloca como possível e não sobre se sou homem ou mulher e isso me torna parte daquilo que vivo.

[...]o que denominamos “nossas identidades poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos viver , como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias , sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas , como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo formadas culturalmente. Isto, de todo modo, o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas.”(HALL, 1997, P. 26)

A autora acredita que a idéia de gênero não é a mesma que o contexto cultural formatou em sua essência onde o homem é por si o construtor e arquiteto fundamental das conquistas ao nosso redor. As mulheres vieram sustentando e fazendo parte da história gaúcha e da história natural desde os primórdios e sem esta parceria a sobrevivência humana não aconteceria.

Quando atentamos pro mundo que vivemos atualmente, percebendo suas mudanças e inclusões junto do avanço das tecnologias, com as percepção de aceite e inclusão das pessoas que tem diferentes opções sexuais, pessoas que erguem bandeiras para defenderem seus conceitos e valores, que buscam leis específicas visando maior proteção para si mesmo e para comunidade da qual faz parte, percebo que essas pessoas ignoram ou desconhecem o preceito básico que já foi definido como igualdade, direitos e deveres tanto na Constituição Brasileira e da Organização das Nações Unidas, a Organização das Nações Unidas aqui no Brasil:

[...]a igualdade de gênero se conformou com a promulgação da Constituição de 1988, ao estabelecer que homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, proibindo a diferença salarial, de exercício de função e de critério de contratação em virtude de sexo, estado civil, idade e cor. (RIBEIRO, 2019, P.95)

A Organização das Nações Unidas, nos seus objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil inseriu nas suas práticas a política de buscar: Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte e entre outros itens também, Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública.

São 17 objetivos ambiciosos e interconectados que abordam os principais

desafios de desenvolvimento enfrentados por pessoas no Brasil e no mundo. [...] Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Estes são os objetivos para os quais as Nações Unidas estão contribuindo a fim de que possamos atingir a Agenda 2030 no Brasil. (<https://brasil.un.org/pt-br/sdqs>, Acesso em 26 jun. 22)

Ao prestarmos atenção no embasamento da Constituição de 1988, não podemos deixar de observar o que diz a Organização das Nações Unidas, que é uma organização internacional responsável por mediar conflitos entre países, disseminar a cultura de paz entre as nações, defender o respeito aos direitos humanos e promover o desenvolvimento sustentável e econômico dos países e a cooperação entre eles:

[...]Os direitos humanos são direitos inerentes a todos os seres humanos, independentemente da sua raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição. Os direitos humanos incluem o direito à vida e à liberdade, liberdade de opinião e expressão, o direito ao trabalho e à educação, entre outros. Todos têm direito a estes direitos, sem discriminação. <https://unric.org/pt/o-que-sao-os-direitos-humanos/> Acesso em 26 jun. 22)

E como consta no website da Organização das Nações Unidas

As bases desse corpo de leis são a Carta das Nações Unidas e a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotadas pela Assembleia Geral em 1945 e em 1948, respectivamente. Desde então, as Nações Unidas expandiram gradualmente a lei de direitos humanos para abranger padrões específicos para mulheres, crianças, pessoas com deficiência, minorias e outros grupos vulneráveis, que agora possuem direitos que os protegem da discriminação. (<https://unric.org/pt/o-que-sao-os-direitos-humanos/> Acesso em 26 jun. 2022)

Falar sobre a questão do gênero, principalmente o feminino é resgatar a contribuição e a preservação da memória e das tradições do Rio Grande do Sul.

O emprego da categoria de gênero serve para identificar as construções culturais que hierarquizaram a cidadania das mulheres, lhes impõe códigos de conduta e geram denominação, desigualdade e exclusão social ((SHADEN, 2005) APUD SILVA; CERNE, 2017 P. 14).

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) para 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) contemplam a identidade de gênero e trazem como busca, Adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis (<https://brasil.un.org/pt-br/sdqs/5> Acesso em 26 jun. 22).

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Estes são os objetivos para os quais as Nações Unidas estão contribuindo a fim de que possamos atingir a Agenda 2030 no Brasil. <https://brasil.un.org/pt-br/sdqs/5> Acesso em 26 jun. 2022)

Quando percebemos que o gênero está como um elemento moral, orientado no contexto da sociedade que regula e impõe comportamentos é preciso trazer para o diálogo o que exatamente está em questão no contexto de gênero e não de lugar dividir atividades por gênero.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O olhar para a inserção das narradoras nas atividades masculinas no Tradicionalismo do RS traz o diálogo de uma dinâmica nova do feminino no Movimento Tradicionalista Gaúcho. É impossível não refletir sobre as questões de gênero que desde os anos 70 permeiam a sociedade com a teorização da questão de diferença sexual até o subjugação do gênero.

Quando da participação das mulheres no tradicionalismo e na história do Rio Grande do Sul percebemos que a atuação feminina chega nos últimos anos num crescente bem mais participativo e atuante mas, lembrando que sua participação é mais um movimento de ressignificação de ações da tradição gaúcha trazida ao contexto da atualidade.

A própria modalidade de tiro de laço como competição é hoje referenciada no meio tradicionalista como uma tradição gaúcha. Porém é importante ressaltar que a modalidade é uma tradição inventada em 14 de novembro de 1951. Alicerçada nas atividades de lida campeira do campesino histórico mas ressignificada para o uso em uma nova roupagem com objetivo distinto no olhar da finalidade de sua ação.

As tradições 'inventadas' caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial... Elas são reações e situações novas que ou assumem a forma de referência situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. ((HOBBSAWM, 1984, P.10) APUD MENASCHE, 1993, P. 26)

Nessa construção entender a distinção entre tradição e tradicionalismo é necessário.

Tradição é um conjunto de sistemas simbólicos que são passados de geração em geração e que tem caráter repetitivo, como se fosse uma memória de longa duração, são os usos e costumes, os símbolos, práticas, crenças, vestuário, culinária, música, poesia, dança e outros elementos que fazem parte de uma dada cultura e de um povo (LUVIZOTTO, 2010)... Já o tradicionalismo apropria-se dessa tradição cultural do campo, da lida campeira, da verdadeira história no contexto dos camponeses, e reinventa, reinterpreta ou ressignifica alguns costumes para manter o evento ou a festividade do rodeio crioulo mais atrativo ao público, de forma a atrair o turista e o consumidor. Mas, mesmo sob essa conotação, os rodeios continuam expressando a cultura ao retratar a relação homem e animal no contexto do campo e das lidas campeiras (LUVIZOTTO, 2010). ...O tradicionalismo utiliza-se das simbologias como instrumentos de integração social entre os indivíduos. O crescimento desse mercado ocorre em torno de uma reedição simbólica, com a utilização de valores da vida rural do passado, sendo integrados em um contexto urbano e industrializado ((OLIVEN, 1998). APUD SALDANHA; VARGAS E LANA, 2019, P. 37)

Nesse olhar a mulher que chega na narração dos rodeios ou laçando está apenas chegando em um espaço, que não tem porque não ser dela também. Afinal de contas a modalidade da competição de tiro de laço é um jogo e não tem como objetivo ser um retrato fiel de um momento das atividades que fazem parte da tradição do ser campeiro. Pois ela é uma tradição inventada.

Como citei durante o texto, neste contexto de tradição inventada a mulher gaúcha foi desde início foi retratada como um elemento que acompanhava o homem nas atividades tradicionais, com longos vestidos, babados e adereços que não tem representatividade de funcionalidade na dia a dia de uma pessoa campesina. A bombacha para uso feminino aparece em referência como traje alternativo citada em 2017, na página 114, do livro intitulado Manual do Tradicionalismo Gaúcho, de Manoelito Carlos Savaris.

O vestido de prenda foi uma criação do tradicionalismo gaúcho. Seguem algumas "regras" ditadas pelas diretrizes: Quanto a modelo, pode ser inteiro, cortado na cintura, cadeirão ou corte princesa com Barra da saia no peito do pé, corte godê, meio godê, franzido, pregueado, com ou sem babados. As mangas são longas, três quartos até o cotovelo. Não se usa mangas boca de sino ou morcego. O decote do vestido, quando existente, é pequeno, sem expor ombros e seios. Os tecidos: lisos ou com estampas miúdas e delicadas microfibras, crepes, Oxford, etc. Tecidos brilhosos vírgulas fosforescentes e transparentes não combinam com os aspectos tradicionais da mulher. Uso de enfeites tipo rendas, bordados vírgulas fitas, passa fitas, gregas, viés, transelim, crochê, nervuras, 6, favos vírgulas são tradicionais. (SAVARIS, 2017, P. 112 e 113).

Em 1989, a indumentária gaúcha passou a ser considerada traje oficial e social do Rio Grande do Sul através da Lei Estadual da Pilcha, nº 8.813, desde que seguidas as recomendações do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

A partir do momento que a filiação ao Movimento Tradicionalista Gaúcho é um ato voluntário é compreensivo que as regras impostas pela entidade devam ser seguidas. Da mesma forma o movimento adaptou seus regulamentos a chegada das mulheres nas atividades de campo regravando o tipo de indumentária aceita para tal atividade e criando a modalidade prenda para que a competição fosse justa em sua categoria.

Mesmo que diante de todo o tempo de existência do movimento percebemos que o processo e o tempo que a mulher levou para estar no movimento até assumir posições e lugares de destaque e de responsabilidade dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho como Presidente da entidade, ou seja como Patroas dos CTGs, ou ainda como Coordenadoras de Regiões Tradicionalistas e também como Laçadoras o Movimento Tradicionalista Gaúcho reconhece também reconhece a chegada das narradoras

As narradoras são peças novas, que com o caminhar e o mostrar de suas habilidades, terão o respaldo e o respeito que julgam merecido dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o apresentado nesse estudo, percebe-se que a presença da mulher na posição de narradora de rodeio do Rio Grande do Sul surge com naturalidade, uma vez que o tradicionalismo orientado pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho traz muitas características de uma cultura inventada. Assim sendo, a adaptação das regras, as indumentárias específicas para as atividades de campo para as mulheres vem em resposta a chegada delas no meio e não ao contrário como a criação de uma modalidade para incluir as mulheres.

Mesmo assim, ainda falta muito para que as narradoras se sintam aceitas e respeitadas quando qualificadas para cumprirem suas atividades. Visto que em depoimento das narradoras entrevistadas percebe-se a falta de suporte e de equidade na profissão, do respeito entre os colegas de cabine e da oportunidade igualitária: como narrar o rodeio inteiro e não apenas uma modalidade. Mas como visto nas entrevistas, isso é uma característica de alguns contratantes e não do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

O transitar deste artigo pela história do Movimento Tradicionalista Gaúcho caracteriza a importância em abordar a temática da mulher chegando na narração dos rodeios. A mulher faz parte do contexto de vivência do homem campezino e não é aquela mulher da tradição inventada que o movimento criou para somente acompanhá-lo. Durante as entrevistas observa-se que as mulheres narradoras chegam as cabines com o incentivo da família ao culto da tradição, ao amor pelo Rio Grande do Sul e das práticas promovidas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho.

O artigo tinha como objetivo inicial perceber se, de fato, a chegada das mulheres nas cabines de narração dos rodeios seria uma conquista natural dos tempos atuais. E a resposta se mostra nas vozes das narradoras que enfatizaram o convívio familiar, a participação delas nos rodeios como a fonte de princípio para a escolha dessa profissão e as categorias de prenda criadas nas provas gerais dos Rodeios sendo inclusiva com as mulheres.

É natural que a narradora enfrente nos dias atuais dificuldade em ter de pronto suporte e apoio das entidades tradicionalistas, pois por muitos anos essa foi uma tarefa executada apenas por homens. E por outro lado, o perfil da narração de rodeio se construiu a partir das vozes masculinas sendo esta o seu referencial. É natural a resistência em apresentar um timbre diferente ao que o mercado está acostumado a consumir sem questionamento. Outra demanda que as mulheres tem de estar dentro desse perfil: ter o tom de voz adequado aos ouvidos que estão acostumados com um timbre mais grave.

Trazer este tema para discussão inclui o saber ouvir e entender da construção do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Na linha do tempo aonde percebemos que em 75 anos de movimento a mulher chega recentemente para ocupar lugares dentro dele, mostrando que o Movimento está aceitando e aos poucos está se moldando a nova realidade e não criando cláusulas de barreira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eliane Moreira De. **As experiências sociais de mulheres no tradicionalismo gaúcho: do passado idealizado ao presente construído**. Porto Alegre, Programa De Pós-Graduação Em Serviço Social Mestrado Em Serviço Social, 2021.

BARBOSA, C. A. da S. (2019). **As Mulheres da Elite Farroupilha: Papéis de Gênero e Família** (RS, 1835-1845). *Revista Cantareira*, (24). Recuperado de <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27847>

COSTA, Dr. Luís Augusto Gonçalves. **Cartilha para a realização de rodeioscrioulos** 1ª edição, Ministério Público do RS, 2012.

DIREITO FAMILIAR, **Uma análise da história da mulher na sociedade**. Disponível em: <https://direitofamiliar.com.br/uma-analise-da-historia-da-mulher-na-sociedade/> 01/04/2020 Acesso em 14 jun. 22.

DIREITO FAMILIAR, **Breve histórico da família no Brasil**. Disponível em: <https://direitofamiliar.com.br/breve-historico-da-familia-no-brasil/#sdfnote2sym> 05/02/2020 Acesso em 14 jun. 22.

GRIZZOTI, Giovani; **Estado tem 63 rodeios no fim de semana**, G1 Globo Rio Grande do Sul Disponível em <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/blog/reporter-farroupilha/post/2019/03/08/estado-tem-63-rodeios-no-fim-de-semana.ghtml> Acesso em 20 mai. 22.

HALL, Stuart (org). Representation. Cultural Representatation and Signifying Practices. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

_____, **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11ª edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____, **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HOBSBAWN, E. **Introdução: a invenção das tradições**. In: HOBSBAWN, E., RANGER, T. A invenção das tradições. [Trad. Celina Cardim Calvacanti]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 316P. Pág. 9-23.

LESSA, Barbosa; CÔRTEZ, Paixão. **Danças E Andanças Da Tradição Gaúcha**, Porto Alegre, GARATUJA, 1975.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectivapós-estruturalista**, Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2003.

LUZ, Rosangela Cardoso. DOMINGUES, Mariana Dias dos. QUERINO, LucianeCristina Santos. A Evolução da mulher No Mercado de Trabalho. E-FACEQ: **Revista dos discentes da Faculdade Eça de Queirós**, ISSN 2238-8605, Ano 2, número 2, Disponível em agosto de 2013. <http://e-faceq.blogspot.com.br> Acesso em 20 mai. 22.

MENASCHE, Renata, **Gauchismo: tradição inventada**. Estudos Sociedade e Agricultura, 1, novembro, 1993: p.2, 22-30.

MARCUSCHI, L. A.. **Contextualização e explicitude na atividade de formulaçãotextual na fala e na escrita** (mimeo). 1994.

NUNES Zeno Cardoso. NUNES, Rui Cardoso, **Dicionário de Regionalismos doRio Grande do Sul**, Martins Livreiro, 2º Edição, 1984.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos DireitosHumanos da ONU**. Genebra: OMS, 2002. Disponível em : <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos> Acesso em 22 jun. 22.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Os Objetivos de DesenvolvimentoSustentável no Brasil**. BRASIL, OMS, 2022 Disponível em : <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> Acesso em 26 jun. 22.

PERROT, Michelle (org.). **História da Vida Privada**. Vol.4. Tradução DeniseBottman e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.139.

PIMENTEL, Giuliano Gomes De Assis. **Localismo e Globalismo na Esportivizaçãodo Rodeio**, Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 28, n. 1, P. 91-104, set. 2006.

PIRES, Amanda J., **Tiro de laço: um estudo etnográfico da participação das mulheres em uma prática gaúcha dita masculina**. Dissertação de mestrado, PortoAlegre, 2019.

RADIO GAÚCHA ZH, **Cultura ou esporte? Tiro de laço é alvo de polêmica envolvendo Movimento Tradicionalista Gaúcho e Federação Gaúcha de Laço**, disponível em: 08/04/2014, <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2014/04/cultura-ou-esporte-tiro-de-laco-e-alvo-de-polemica-envolvendo-Movimento-Tradicionista-Gaúcho-e-federacao-gaucha-de-laco-4468678.html> Acesso em 10 out. 22.

RIBEIRO, Alexandre Gonçalves. **A evolução do Trabalho da Mulher e as Inovações Jurisprudenciais na proteção deste Direito Fundamental**. D'Plácidoeditora. 2019 p: 91/05, disponível em [Revista eletrônica \[do\] Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região: vol. 9, n. 83 \(out./nov. 2019\)](#) Acesso em 31 mai. 22.

SALDANHA Cibele Stefano; VARGAS Daiane Loreto de; LAMA Naijara

Klafke Dalla - **Patrimônio Cultural A Ser Preservado: A Tradição Do Rodeio Crioulo No Município De Vacaria/Rs** - Boletim Gaúcho de Geografia / Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Porto Alegre, vol. 45, n.1/2, 2018 (2019) - Porto Alegre: AGB, 1973.

SARAIVA, Glaucus. **Manual do tradicionalista: Orientação geral para tradicionalistas e Centros de Tradições Gaúchas**. Porto Alegre: Sulina, 1968.

SAVARIS, Manoelito Carlos - **Manual de Tradicionalismo Gaúcho**, – Publicação Movimento Tradicionalista Gaúcho-RS, 2012. CALDERAN.

SCOTT, J. - **O Enigma da Igualdade. Estudos Feministas, Florianópolis**, v. 13, n.1, 2005.

SILVA, Márcia; CIRNE Paulo. **Evolução Histórica Da Mulher Gaúcha**. Porto Alegre, Martins Livreiro, 2017.

**ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-
ESTRUTURADA APLICADA AS
ENTREVISTADAS**

Questão	Stella Kaiuri da Silva	Laíne Becker daSilva	Ana Paula Grams Pereira
<p>1- Como e quando começou a tua história com as tradições gaúchas e o tiro de Laço?</p>	<p>Começou aos 4 anos de idade acompanhando meu avô nós Rodeios</p>	<p>Minha história no tradicionalismo começou através da minha mãe quando tinha 6 anos de idade quando ela me colocou em um curso de dança e no laço através do meu pai quando tinha 10 anos</p>	<p>Através de meu pai que já estava lida desde seu 15 anos de idade, eu comecei com apenas 10 anos, sem nunca ter laçado vaca parada, aprendi direto no lombo do cavalo, laçei e treinei o tiro de laço por 2 anos, e aí comecei me dedicar pela narração, atual paixão.</p>
<p>2- Como foi teu processo de inserção na narração dos Rodeios? Encontrou algum desafio nesse processo? Quais?</p>	<p>Iniciou meio tranquilo, o pessoal que contrata vem atrás mais vezes. Depois de já ter uma noção o maior desafio foi a comparação com os homens.</p>	<p>O processo até não foi tão difícil, desafio é ser o novo, não ter padrões femininos a seguir e ter q romper certas barreiras pois o núcleo predominante é masculino.</p>	<p>Como no laço, aprendi a narrar com meu pai, começamos brincando na vaca parada, eu narrava e ele laçava, o meu desafio foi entrar no meio dos narradores que por si, são na maioria homens, então eu como mulher deveria me adequar a eles, na aprendizagem também tiveram por conta de alguns narradores não me aceitarem, junto a eles.</p>

**ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-
ESTRUTURADA APLICADA AS
ENTREVISTADAS**

<p>3- O que tu mais gostas na narração do Rodeio?</p>	<p>Narração simples de provas animadas</p>	<p>O q mais gosto é poder levar a emoção narrando cada armada, cada prova disputada e fazer parte da história de pias e prendas, e pais e filhos deixando gravada em suas memórias grandes lembranças.</p>	<p>Eu amo ver o laçador e transmitir a emoção dele, narrar a ação.</p>
<p>4- O universo de narradores do Movimento Tradicionalista Gaúcho é predominantemente masculino. Pelo fato de tu seres mulher já percebesse algum tipo de discriminação em relação a contrato, ao pagamento ou com outros aspectos?</p>	<p>Já percebi que alguns homens do ramo vieram perguntar sobre o meu interesse em credenciar e vi neles uma certa vontade em me desanimar</p>	<p>Na verdade não discriminação mas talvez receio pelo desconhecido, por ser diferente haja alguma resistência de patrões na contratação.</p>	<p>Sim, acho que eles deveriam de manter mais respeito com nós, pq é uma profissão que deveria de ser igualada a todos, homens e mulheres.</p>

<p>5- Tu observas algum tipo de assédio, violência ou preconceito contra as mulheres no teu trabalho? Se sim, como lidas com isso?</p>	<p>Sim. Algumas mulheres já me agrediram fortemente pelo fato de estar na arena falando profissionalmente de seus maridos. Costumo ignorar até o ponto que ela possa me atingir fisicamente.</p>	<p>Não nunca tive problema com isso e acho que a mulher vem ganhando muito espaço no meio campeiro a cada dia.</p>	<p>Sim, a aceitação de ser mulher e estar narrando é algo que choca muito os homens nessa lida, alguns não me deram espaço para expor meu trabalho.</p>
--	--	--	---